

Um corpus: a fala de descendentes de imigrantes italianos

Marcia Cristina Corrêa

Laboratório Corpus: fontes de estudos da linguagem
GRPESQ/ CNPq Discurso, História, Gênero e Identidade
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

1 Apresentação do trabalho

O indivíduo descendente de italiano (italo-brasileiro) possui uma realização peculiar da língua portuguesa. A partir da sua manifestação lingüística, a descendência desse indivíduo é logo identificada ou apontada como uma maneira diferente de *falar*.

A peculiaridade do falar do descendente de italianos é comum no cotidiano de Santa Maria, devido ao grande número de jovens que se deslocam da região de colonização italiana para as escolas e Universidade de Santa Maria. Apesar disso, esse falar ainda não foi estudado; na verdade, não houve uma descrição científica do mesmo.

A inexistência de trabalhos que tenham tomado por objeto de estudo a realização da LP pelos descendentes de italianos da região de Vale Vêneto, bem como o constante contato que se tem com esse falar na região de Santa Maria, justificam a presente pesquisa.

Acreditamos que esta variedade da língua portuguesa deva ser submetida a uma descrição das suas características fonético/fonológicas, da qual resulte um quadro demonstrativo das peculiaridades lingüísticas destes falantes.

Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo geral descrever as características fonético/fonológicas da língua portuguesa falada na comunidade de Vale Vêneto. Como

objetivos específicos, busca-se elaborar um quadro demonstrativo com as peculiaridades lingüísticas da língua portuguesa naquela comunidade e fornecer subsídios para os professores de língua portuguesa que atuam junto a alunos de descendência italiana.

2 Apresentação da comunidade

2.1 Situação histórica

Vale Vêneto é uma pequena comunidade situada no centro do Estado do Rio Grande do Sul, a 40 Km de Santa Maria, e, recentemente, passou a pertencer ao novo município de São João do Polésine.

Vale Vêneto faz parte do quarto e último, núcleo de colonização italiana no Rio Grande do Sul. Segundo Loraine GIRON (1980), a legislação imperial estabeleceu a designação de colônia para as terras destinadas ao recebimento dos imigrantes europeus. Os conceitos tradicionais não se adaptam ao modelo de colonização adotado pelo Brasil, pois esse foi o único país a montar uma empresa de colonização objetivando o benefício e não a exploração de estrangeiros.

A colonização em massa no Estado do Rio Grande do Sul ocorreu a partir de 1870, quando foram criadas as colônias de Conde d'Eu (atual município de Garibaldi) e Dona Isabel (atual município de Bento Gonçalves) e a de Campo dos Bugres (atual município de Caxias do Sul), em 1875. No ano seguinte, o governo imperial brasileiro ordenou que as terras devolutas nas proximidades do município de Santa Maria da Boca do Monte fossem medidas e entregues aos imigrantes. Desta forma, no ano seguinte, 400 famílias de russos e alemães chegavam ao local, mas, por estarem enfraquecidos pela longa viagem e devido às precárias condições do local, essas pessoas foram acometidas por uma epidemia, resultando na morte de vários membros do grupo. Em função desses acontecimentos, os imigrantes abandonaram o local dirigindo-se para a região de Porto Alegre. Com isso, o espaço ficou disponível, fazendo com que em Gênova, na Itália, fosse mudado o destino de um contingente de colonos que viriam para as colônias já existentes. Assim, em maio de 1877, esse grupo, após uma difícil viagem, chegou ao barracão de Val de Buia, ponto de partida para a formação da Quarta Colônia, que teria por sede Silveira Martins (chamada Città Nuova).

Segundo DENARDIN-BUDÓ(1994), em 1887, a colônia foi desmembrada por decreto imperial, sendo repartida entre os municípios de Júlio de Castilhos, Cachoeira do Sul e Santa Maria, que ficou com a sede. Silveira Martins passou a ser o 4º Distrito de Santa Maria, conseguindo sua emancipação político-administrativa em 1987.

Em 1878, foram distribuídos os lotes para a construção da sede da Colônia de Silveira Martins (La Città Nuova), bem como Vale Vêneto, Val Verônes, Val Feltrina e Linha 6 Norte.

Segundo BONI & COSTA (1984), as colônias de Conde d'Eu, Dona Isabel, Campo dos Bugres e Silveira Martins foram o núcleo básico da imigração italiana no Rio Grande do Sul, pois a partir dessas originaram-se as demais comunidades italianas por todo o Estado.

A escolha da comunidade de Vale Vêneto para objeto deste estudo, deve-se ao seu grande valor histórico e cultural para a região de Santa Maria, que conta com um terço de sua população formado por indivíduos de origem italiana. Vale Vêneto traz na sua origem a história do quarto núcleo de colonização italiana no Rio Grande do Sul. Desde as primeiras famílias de imigrantes chegadas ao local, Vale Vêneto desempenhou um papel de destaque na região, com os representantes da comunidade sempre buscando melhorias nas condições de vida da população da região.

Vale Vêneto não é apenas considerada um berço da imigração italiana no Rio Grande do Sul como também uma das localidades que mais conservam a tradição e a cultura italiana. Essas são verificadas nos costumes preservados e cultuados pelos seus habitantes, como as festas típicas, a alimentação, a arquitetura, a língua, etc.

Em função disso, Vale Vêneto é reconhecida pelo seu valor cultural, sempre vinculado à religiosidade. A comunidade é palco de inúmeros eventos que buscam resgatar e preservar a memória cultural do local. Entre eles, cumpre citar a *Semana Cultural Italiana* e o renomado *Festival de Inverno de Vale Vêneto*. O Festival é realizado desde de 1986, sendo promovido pelo Curso de Música da Universidade Federal de Santa Maria, e tem como um dos objetivos integrar a música cruíta e a cultura italiana. Este evento assumiu proporção internacional com a participação de professores oriundos de vários países. A Semana Cultural é realizada paralelamente ao Festival, sendo organizada pelos membros da própria comunidade. As atividades da Semana ocorrem sempre à noite, com danças, apresentações de grupos folclóricos e teatro. O destaque das festas é a tradicional comida italiana: rizoto, *agnolini*, galetto, polenta, *radici*, quicijo, salame, cuca, tudo regado a um bom vinho colonial, indispensável às refeições dos descendentes de italianos.

Os moradores mais antigos contam que antigamente, numa época de adaptação e muito trabalho, a única diversão que os imigrantes tinham eram os jogos, já que a dança era proibida pela igreja. Como outras atividades e costumes, os jogos típicos também foram trazidos da Itália e preservados. Quando se reuniam nas festas da comunidade, os homens se dividiam em grupos para jogar, alguns jogavam *bocha*, outros a *mora* e outros baralho. A *mora* é um jogo de origem grega, mas adotado pelos italianos. É jogado com dois, quatro ou seis participantes. Os jogadores batem as mãos na mesa e gritam um número, marcando ponto aquele que disser o número resultante da soma dos dedos que foram colocados sobre a mesa. Atualmente, existem poucos jogadores de *mora* na região, mas, durante a Semana Cultural, ocorrem competições envolvendo participantes de várias regiões. O gosto pelos jogos de baralho continua bastante vivo no local. É comum encontrarmos grupos de moradores jogando algum tipo tradicional de jogo de baralho: *cinquilha*, *tressete*, *scaracócio* (resgatado através da Semana Cultural).

O *filó* resgata um tradicional costume italiano muito difundido nos primeiros tempos na nova terra. Vivendo longe de sua gente, os imigrantes trataram de manter longe também a solidão. Para isso, uma das formas encontradas foi cultivar a tradição do *filó*, que era uma excelente maneira de se encontrarem. Assim, à noite, as pessoas reuniam-se na casa de uma das famílias. As mulheres, enquanto conversavam, munidas com uma roca, lã ou algodão, teciam as vestimentas. Também faziam tranças com palha de trigo que se transformavam em chapéus, bolsas e sacolas. Enquanto isso, os homens jogavam *mora*, cartas e cantavam. É claro que, nestas ocasiões, não faltavam os pratos típicos e o vinho, oferecidos pelos donos da casa. Esta tradição é revivida e preservada a cada Semana Cultural.

O imigrante trouxe o gosto pela festa, o espírito alegre e extrovertido de cantar, tocar, rir e contar *frótole* (histórias). No passado, as festas eram realizadas em todos os dias santos. Eram dias de *preceito*, obrigação de assistir à missa, sendo considerado pecado trabalhar. As festas eram anunciadas às quatro horas do dia anterior, através de tiros de canhão e repicar de sinos, para que as localidades mais distantes fossem avisadas. Muitos saíam um dia antes e chegavam a caminhar mais de vinte quilômetros até o local. Nesses dias festivos, realizavam-se as missas cantadas, procissão, quermesse e pesca. Tudo animado pelas bandas de música e cantorias. Nas tradicionais *tômbolas* os rapazes e as moças trocavam bilhetes e iniciavam o namoro.

Os moradores de Vale Vêneto preservam e cultuam o gosto pela festa herdado dos antepassados. Antigamente, a comunidade comemorava cerca de dezesseis festas anuais.

Atualmente, são realizadas cinco festas: *Festa da Gruta* (fevereiro), consagrada a N. Sr^a de Lourdes, construída em 1941, quando ocorreu a maior enchente de Vale Vêneto; *Festa do Padroeiro Corpus Christi* (junho); *Festa do Galeto e do Motoqueiro* (outubro), reunindo centenas de jovens motoqueiros que se deslocam de várias cidades da região até Vale Vêneto, onde é realizada uma missa seguida de um almoço típico, com muito galeto, prato típico da comunidade; *Festa dos Ex-alunos do Seminário Palotino* (julho) e o *Festival de Inverno e Semana Cultural* (agosto), já descritas.

Devido a esses aspectos, Vale Vêneto caracteriza-se como uma comunidade culturalmente peculiar na região e, como tal, configura-se num campo riquíssimo para um trabalho que objetiva analisar um dos principais elementos culturais: a *língua*.

2.2 Situação lingüística

A situação lingüística das colônias de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul refletia o aspecto dialetal do país de origem. Conforme SALLES (1993), na Itália, a língua oficial é o dialeto florentino (escolhido devido ao prestígio político e econômico de Florença e ao prestígio literário, pois através dele haviam se expressado Dante, Petrarca e Boccaccio), mas há inúmeros dialetos locais e regionais que diversificam o contexto lingüístico do país. No século passado, os italianos que vieram para o Rio Grande do Sul, na grande maioria, não dominavam a língua oficial de seu país; utilizavam o dialeto da região de origem, o que causou uma diversificação lingüística nas colônias. Devido à localização das colônias em áreas distantes dos centros luso-brasileiros, os colonos continuaram a utilizar seus dialetos de origem. A Língua Portuguesa chegou nas colônias lentamente, a partir das vilas vizinhas e, principalmente através das escolas estabelecidas no local.

Nesse contexto lingüístico heterogêneo, os imigrantes comunicavam-se entre si através do dialeto que lhes marcava a origem provincial italiana, produzindo, desta forma, uma situação de contato e conseqüente mescla lingüística. Em função disso, os dialetos foram sofrendo modificações e os grupos dialetais mais representativos (principalmente o vênето) foram absorvendo os grupos menos expressivos, resultando, com isso, "uma fala comum de características dialetais mistas que pode ser denominada *koiné* de tipo italiano." (FROSI & MIORANZA, 1979:99).

Segundo DE BONI & COSTA (1984:83), "surgiu assim, algo como uma língua geral, que os lingüistas denominavam *koiné*. Tratava-se fundamentalmente da fusão de vários dialetos vênетos." Essa língua nova é muito semelhante aos dialetos vênетos falados no Norte da Itália, mas ao mesmo tempo, diferente de qualquer um deles.

Esta nova língua, resultante da "mistura" de vários dialetos italianos, foi a língua materna de muitos descendentes de imigrantes, e influenciou o aprendizado da Língua Portuguesa (principalmente quanto ao aspecto fonético e fonológico) naquelas comunidades.

Essa situação lingüística ocorreu em Vale Vêneto, onde por muito tempo predominou o dialeto italiano como língua oficial (funcional) do local, sendo esse ensinado aos mais jovens de maneira informal, no dia-a-dia familiar. Da mesma forma, o uso do dialeto italiano era reforçado através das cerimônias religiosas que eram realizadas em italiano.

Em função disso, a Língua Portuguesa ficou restrita ao ambiente escolar, aos estabelecimentos oficiais e servindo para a comunicação com elementos de fora da comunidade, pois no convívio familiar permaneceu o domínio do dialeto italiano. Isso ocorreu porque a escola não abarcou as gerações mais velhas que continuaram a divulgar o dialeto italiano oralmente para as novas gerações. Assim, houve a convivência de duas variedades lingüísticas na comunidade estabelecendo uma situação de bilingüismo.

Segundo TARALLO & ALKMIN (1987), para a situação de contato de duas variedades temos soluções regidas por fatores de ordem social, histórica e política (principalmente). As soluções se dividem em duas opções: manutenção do bilingüismo - com a coexistência de dois sistemas lingüísticos distintos, ocasionando um bilingüismo estável; morte de um dos sistemas - que causa o retorno ao monolingüismo.

Em Vale Vêneto, o desfecho para a situação de bilingüismo está incluído na segunda solução apresentada pelos autores citados acima: volta ao monolingüismo. E, neste caso, a variedade sobrevivente foi a língua portuguesa.

Segundo a opinião dos moradores mais antigos da comunidade, a situação de bilingüismo, com predominância do dialeto italiano, perdurou até a década de 40, quando a sua prática foi combatida pela campanha de nacionalização (1942), promovida pelo Estado Novo - regime unitário e autoritário de Getúlio Vargas - que tinha como objetivo principal a configuração da *unidade nacional*, que, logicamente, prescrevia uma língua nacional.

Entre as medidas instauradas, constava a proibição de qualquer tipo de manifestação pública em língua estrangeira, principalmente em italiano e alemão (pois naquele período estava acontecendo a Segunda Guerra Mundial, com uma disposição mundial contrária às posturas da Alemanha e da Itália). Essa medida chegou até a comunidade de Vale Vêneto através da figura de um inspetor que controlava/fiscalizava todos os moradores, denunciando às autoridades aqueles que falavam *italiano*. Isso causou, segundo pessoas que viveram naquele período, uma situação de pânico entre os moradores do local, como evidenciam os depoimentos de antigos moradores que viveram estes momentos em Vale Vêneto.

A partir dos depoimentos dos moradores mais antigos, verificamos que, naquele período, foi instalada a lei do silêncio em Vale Vêneto, pois os seus habitantes só sabiam se expressar em dialeto italiano. Esta situação era comum a todas as comunidades de imigrantes, não só da Quarta Colônia, mas também das demais (inclusive em Santa Catarina).

Portanto, até aquele momento, aprender a Língua Portuguesa era considerado um *luxo* (como nos foi dito pelo informante 1) e, conseqüentemente, um privilégio de poucos (sempre entre os mais jovens). Além disso, a Língua Portuguesa representava a língua dos negros, dos empregados, dos peões, em suma, a língua de quem não tinha origem italiana.

Em função das medidas de Getúlio Vargas, os moradores da comunidade foram condenados ao silêncio, principalmente os mais idosos que falavam exclusivamente o dialeto. Nem mesmo as cerimônias religiosas podiam ser realizadas em italiano. Considerando-se a grande religiosidade desse povo, podemos imaginar o que isto significou para eles, principalmente para as mulheres, que sempre foram um símbolo de devoção. Um senhor lembra a história contada pelos seus avós, imigrantes pioneiros em Vale Vêneto, na qual relatavam a insistência das mulheres para que os homens construíssem uma capela no local, ameaçando voltar para a Itália, em caso contrário.

Nesta situação, aprender e utilizar a Língua Portuguesa tornou-se fundamental para a sobrevivência e o convívio social da comunidade.

Na opinião dos moradores mais antigos de Vale Vêneto, a campanha de nacionalização, empreendida pelo Estado Novo, foi o fator determinante para a condenação à "morte" do dialeto de italiano na comunidade. Atualmente, o dialeto é a língua dos "nonos", sendo falado pelas pessoas mais idosas que o tiveram como primeira língua, e por pessoas com mais de 50 anos. Os jovens somente o compreendem mas não o falam; as crianças entendem algumas coisas. Mas o agravante da situação é que o dialeto não está sendo transmitido às novas gerações, e, geralmente, o contato da criança com esta variedade lingüística se dá somente com a convivência com os avós e isto se restringe apenas a ouvir e entender, mas sem falar. Assim podemos dizer que a sobrevivência do dialeto italiano está atrelada à existência destas pessoas mais idosas, porque uma língua/dialeto não tem razão de

ser se não houver falantes para a manterem viva. Como nos diz SANTIN (1990): "A língua é a força dinâmica que sustenta a identidade cultural de um povo. Cada pessoa é identificada pela sua fala. (...) É no falar da língua que se encontram os mais legítimos valores culturais."(p.19).

3 Metodologia

3.1 Pesquisa de campo

Para a realização deste trabalho, foi adotado o método da pesquisa descritiva que, segundo CERVO & BERVIAN (1983), tem o objetivo de registrar, analisar e correlacionar os fatos ou fenômenos do mundo físico.

A pesquisa descritiva trabalha sobre dados ou fatos colhidos da própria realidade; desta forma, a coleta de dados é uma das tarefas características deste tipo de pesquisa. Para isso, foram utilizados, como principais instrumentos, a observação, a entrevista, e o questionário.

Para a observação da comunidade, foi realizada uma série de visitas ao local, com participação em festas e atividades promovidas pelos moradores do local.

Por não pertencermos à comunidade, para o contato com os moradores, e conseqüente seleção dos informantes, foi necessária a participação de uma pessoa conhecida do grupo a fim de diminuir a inibição natural, causada pela abordagem feita por uma pessoa estranha. Assim, para realizar esta mediação, contamos com a colaboração do funcionário do *Museu do Imigrante de Vale Vêneto*, José Marcuzzo, natural do local e com profundo conhecimento da comunidade. Esse, antecipadamente, entrou em contato com a pessoa a ser entrevistada, marcando o horário de acordo com a disponibilidade da mesma. Salientamos que as entrevistas foram realizadas nas casas dos informantes, pois, segundo CRISTAL & DAVY (apud SANTOS, 1991: 27),

as gravações devem ser realizadas em casa, a fim de que seja obtido um material tão natural quanto possível. A descontração da atmosfera doméstica contribui para desenvolver a língua descontraída da conversa informal, até mesmo quando os participantes sabem da presença do gravador.

Solicitamos ao funcionário um contato que adiantasse o suposto assunto da pesquisa: reconstruir a história da comunidade de Vale Vêneto a partir dos depoimentos dos moradores. Além disso, entregar questionários às famílias mais antigas da comunidade, a fim de constatar aspectos referentes à descendência italiana.

Cabe lembrar que o verdadeiro objeto de estudo da presente pesquisa, a língua portuguesa falada em Vale Vêneto, foi apresentado somente para o funcionário do Museu, nosso contato na comunidade. Este procedimento é baseado no método de entrevista sociolinguística, proposto por William Labov, que aconselha que, neste tipo de pesquisa, "a palavra *língua* deverá ser evitada a qualquer preço, pois o objetivo é que o informante não preste atenção a sua própria maneira de falar." (TARALLO, 1990: 21)

Para a realização das entrevistas, tentamos ser o mais informal possível, buscando neutralizar a nossa presença e a presença do gravador. Também tentamos demonstrar interesse pelos assuntos da comunidade, solicitando ao informante que fizessem um relato sobre determinado assunto, provocando, com isso, uma narrativa de cunho pessoal. Segundo TARALLO (1990:22), "os estudos de narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que,

ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o *que* relata que presta o mínimo de atenção ao *como*". Assim, nesta pesquisa, foram utilizados os *módulos* (roteiros para fins de conversação) referentes, por exemplo, a namoro, casamento, brincadeiras, festas, escola, fatos importantes da comunidade ocorridos no passado, etc. Estes módulos têm por objetivo homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação e, principalmente, provocar narrativas de experiência pessoal.

A escolha do texto narrativo para constituir o corpus do trabalho decorre de fatores dois fundamentais: primeiro, este tipo de texto está presente na vida de todos cedo, segundo BASTOS (1998), "contar é um comportamento humano característico. Ouvimos e contamos histórias desde pequenos, contamos o que nos rodeia, o que vemos acontecer." O segundo fator, e o mais significativo, decorre do fato de que na cultura italiana há uma tradição narrativa muito marcante, o que podemos constatar através do texto de Italo CALVINO (1997), *Fábulas italianas*, no qual o autor reconstrói o panorama italiano das histórias orais, apresentando narrativas características das diferentes regiões da Itália.

A partir disso, estendemos esta característica cultural italiana à comunidade de descendentes italianos que vivem no Brasil - especialmente no Rio Grande do Sul - onde constatamos que o costume de contar *frotole* é bastante freqüente, principalmente entre as pessoas mais velhas, os *nonos* e as *nonas*.

3.2 Sujeitos

A amostragem foi constituída por dois grupos de faixas etárias diferentes. Um grupo com três indivíduos idosos (com mais de setenta anos); o outro grupo formado por três adolescentes, totalizando um corpus composto por seis informantes.

Num primeiro momento, este corpus pode ser considerado insuficiente, mas a suposta limitação tem, para nós, explicações plausíveis. O universo dos moradores de Vale Vêneto foi reduzido quando determinamos os critérios para a seleção dos informantes do primeiro grupo (Grupo I): pessoa que tenha nascido e sempre morado no local; que tenha tido o dialeto italiano como primeira língua e que tenha aprendido a língua portuguesa somente mais tarde; e, por último, que ainda fale o dialeto italiano. Esses critérios nos levaram a um grupo muito reduzido de indivíduos, todos com idade acima de setenta anos. Desta forma, o aspecto idade acarreta o surgimento de fatores que dificultaram o contato com esses indivíduos como, por exemplo, doença que impossibilita a fala; idosos convalescentes que necessitam de repouso; não disponibilidade para conversar ou simplesmente timidez, típico das pessoas acostumadas à tranquilidade da vida rural.

Quanto ao segundo grupo (Grupo II), procuramos selecionar adolescentes que tenham nascido e morado em Vale Vêneto, bem como os pais; que tenham tido a língua portuguesa como primeira língua; que falem exclusivamente a língua portuguesa e que tenham contato com pessoas que falem o dialeto italiano. O universo desses informantes é bem maior do que o do primeiro grupo, mas, apesar disso, selecionamos somente três adolescentes para manter uma equivalência numérica entre os dois grupos.

A partir da realização lingüística dos indivíduos desses dois grupos representantes de faixas etárias diferentes, foi realizada uma análise das características fonético/fonológicas da língua portuguesa, para verificarmos se ocorrem as mesmas variações no desempenho lingüístico desses falantes.

Para a coleta de dados, as entrevistas foram gravadas em fitas de áudio. A seguir, realizamos a transcrição *ortográfica*, a transcrição *fonética* e a transcrição *fonológica* das entrevistas. Posteriormente, a análise das variantes, a análise dos resultados e a exposição das conclusões alcançadas.

4 Fundamentação teórica

A fundamentação teórica deste trabalho está baseada nos estudos de fonética e fonologia de SILVEIRA (1986, 1988).

Os estudos fonético/fonológicos desenvolvidos por SILVEIRA (1986) têm base em aspectos da lingüística estrutural europeia. Da mesma forma, esta linha dos estudos fonológicos embasam o presente trabalho. A partir destes, será feita a descrição das bases articulatórias e dos fonemas da língua portuguesa.

Para a explicação dos fenômenos descritos, serão seguidos os princípios da Fonologia Natural de David Stamp (Apud. ISTRF, 1980).

5 Resultados

Na presente pesquisa, descrevemos e analisamos a língua portuguesa falada na comunidade de Vale Vêneto. Os informantes representam dois grupos significativos dos falantes da língua portuguesa no local. O Grupo I, dos indivíduos que tiveram o dialeto italiano como variedade-mãe; o Grupo II, dos indivíduos falantes exclusivos da língua portuguesa.

A análise do corpus do Grupo I apontou características fonético/fonológicas decorrentes da interferência do sistema do dialeto italiano na língua portuguesa. Esta interferência pode ser abordada a partir dos estudos da Fonologia Natural, pois neste contexto, temos indivíduos que aprendiam a língua portuguesa como uma segunda variedade, já que a primeira era o dialeto. Assim, esses falantes têm internalizadas as regras próprias do dialeto italiano e desconhecem algumas regras do sistema da língua portuguesa. Quando falam, acabam aplicando regras do dialeto na língua portuguesa.

As características fonético/fonológicas peculiares arroladas a partir da fala dos informantes do Grupo I são as seguintes:

- os fonemas /t/ e /d/, seguidos de som vocálico alveolar, tiveram como norma a realização oclusiva, quando o esperado seria a realização africada;
- os arquifonemas /I/ e /U/, em posição átona, foram realizados sem neutralização (na maioria das realizações), quando o esperado para o falante brasileiro seria a ocorrência de /i/ e /u/;
- o arquifonema /I/, em Mfr, foi realizado sem semivocalização. Conforme SILVEIRA (1986), na maioria das regiões brasileiras realizam /w/ neste contexto;
- o ditongo nasal /ãw/ não foi realizado. Isso pode ser explicado em decorrência da dificuldade do falante do dialeto italiano emitir sons nasais, e, no caso, produzir um som nasal seguido de uma semivogal (ditongo nasal) representa uma dificuldade articulatória intransponível para este falante;
- o ditongo /úy/, no signo “muito”, realizado desnasalado, pelos mesmos motivos expressos no item anterior.

Todos estes fenômenos já tinham sido verificados na pesquisa realizada na Região de Colonização Italiana (Serra Gaúcha) por FROSI & MIORANZA, e explicados a partir da interferência do dialeto italiano na língua portuguesa.

Na análise do corpus dos informantes do Grupo I, constatamos a ocorrência de um som peculiar, que teve livre realização, mas merece destaque. Trata-se da neutralização da fricativa chiante e sibilante. Os informantes realizaram o som [s], com marcas chiante e sibilante concomitantemente. Procuramos explicar este fenômeno da seguinte maneira: os informantes deste grupo tiveram o dialeto italiano como variedade-mãe, e, assim, têm as regras

deste sistema internalizadas. O sistema do dialeto italiano falado nas colônias gaúchas (*koiné*) não apresentam os sons chiantes. Quando este indivíduo fala a língua portuguesa, ele faz um esforço para realizar este som que é próprio deste sistema, que ele desconhece, assim, acaba produzindo um som próximo ao desejado e o aplica desconsiderando a marca chiante/sibilante.

FROSI & MIORANZA observaram que os informantes da RCI normalmente não realizam os sons chiantes que são substituídos pelos sibilantes. Os autores destacam que o fenômeno da não realização dos sons chiantes naquela região diminuiu, pois até poucos anos antes da realização daquela pesquisa, era regular e generalizado. Para eles, a diminuição desta ocorrência decorre do esforço do falante em realizar as fricativas chiantes na língua portuguesa, segundo o padrão lingüístico de maior prestígio, evitando, com isso, a forma estigmatizada que o identificava como *colono*.

Com relação aos fonemas fricativos, notamos uma sensível diferença entre o desempenho dos informantes de Vale Vêneto e os informantes da RCI. Isto pode ser analisado a partir do fator tempo, pois mais de dez anos separam uma pesquisa da outra. Neste período, possivelmente o quadro lingüístico da RCI deve ter sido alterado e talvez uma pesquisa realizada hoje naquela região poderia apresentar resultados mais próximos dos obtidos no presente estudo.

As marcas arroladas a partir da análise do Grupo I caracterizam a língua portuguesa falada pelos moradores idosos de Vale Vêneto, constituindo uma identidade lingüística da comunidade, diferenciando-a das demais localidades.

A análise do corpus dos informantes do Grupo II apresenta resultados diversos dos obtidos no Grupo I. Para os informantes do Grupo II, a norma de realização da língua portuguesa está de acordo com expectativa para o falante brasileiro. Todas as características apontadas na análise do Grupo I não ocorrem no desempenho dos falantes do Grupo II.

Com relação ao desempenho dos informantes do Grupo II, destacamos a ocorrência, embora de forma minoritária, da não neutralização dos fonemas pré e pós palatal em posição átona final. Outro aspecto a destacar é a entonação marcante destes informantes. Este é o único ponto de aproximação entre os resultados dos dois grupos. Se, por um lado, as crianças não apresentam as características fonéticas/fonológicas realizadas pelos adultos, por outro, podemos afirmar que a entonação é um fator marcante na fala destes informantes.

Ainda que este aspecto não tenha sido tratado no presente trabalho, salientamos que futuras pesquisas poderão ser realizadas em Vale Vêneto. O estudo dos traços supra segmentais é um deles, e configura-se num rico campo a ser analisado.

Após a comparação dos resultados dos dois grupos de informantes, afirmamos que as características que identificam o falante como oriundo da região de Vale Vêneto só ocorrem de forma mais significativa na fala dos informantes do Grupo I. Isso significa que a identidade lingüística da comunidade está atrelada à existência destas pessoas idosas.

Uma iniciativa possível, no sentido de conservar a identidade lingüística da comunidade, seria o incentivo ao ensino do dialeto às novas gerações, a fim de resgatar e conservar aspectos culturais típicos da região.

Se nada for feito nesse sentido o destino traçado inicialmente pela campanha de nacionalização será cumprido: o dialeto italiano e, com ele, a identidade lingüística da comunidade de Vale Vêneto desaparecerá dentro de poucos anos.

Referências Bibliográficas

- BASTOS, Lúcia Kopschitz. **Coesão e coerência em narrativas escolares**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- CALVINO, Italo. **Fábulas italianas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.. **Metodologia científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- DE BONI, Luís; COSTA, Rovílio. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Correio Riograndense, 1984.
- FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. **Dialetos italianos**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1983.
- ISTRE, Giles Lothar. **Fonologia transformacional e natural: uma introdução crítica**. Florianópolis: UFSC, 1980.
- SALLES, Ricardo C. **O legado de babel: as línguas e seus falantes**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1993.
- SANTIN, Silvino. **A imigração esquecida**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1986.
- SILVEIRA, Regina C. Pagliuchi da. **Estudos de fonologia portuguesa**. São Paulo: Cortez, 1986. (Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, 11)
- _____. **Estudos de fonética do idioma português**. São Paulo: Cortez, 1988. (Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, 6)
- TARALLO, Fernando & ALKMIN, Tânia. **Falares crioulos: línguas em contato**. São Paulo: Ática, 1987.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1990.

Exemplos do *corpus*

Informante 1

“Eu acho que é sim, não sei, e ele, aquele tempo, era tempo de Getúlio Vargas, acho que sim, porque naquele tempo, daquela guerra, briga, lá ou sei eu nem porque tanta coisa já eu me esqueci. E daí ele vinha mesmo cortar cabelo e barba na nossa casa, esse homem, como perseguia a gente, morreu gente aqui em Vale Vêneto por causa dele... levaram lá para Cachoeira o Serafim Moro e morreu lá. Ih! Apanharam, eu não sei se foi o pai do Camilo e o, quem mais apanhou porque iam lá para defender um dentista que tinha aqui, alemão, e Deus o livre a raiva de alemão e italiano que nem sei. E apanharam, mas o que aconteceu aqui em Vale Vêneto naquele tempo. Barbaridade, e então sabe ele vinha cortar cabelo e começou perseguir quem falava italiano. Nós tinha que ensinar as gurias falar em português porque, custa pra pegar, não é? Então eu me lembro sempre que um dia ele veio de revólver, faca, armado para cortar a barba e o Emiliano também não dava muita conversa ...mas ele desconfiou, antes ele veio cortar... um oito dias antes... fazer barba feita não é? ...não sei quantos dias antes, ele veio e viu que os outros não fizeram muita cara bonita assim, ele veio armado....e tá...começaram a conversar com ele e tudo. Mas nós tinha que se cuidar.”

“As festas ... sabe... aqui, as festas eram assim... a ... nós não tinha como agora... vamos ver ... como... como festa grande sabe...a gente se mandava os bilhete para os namorados. Festa grande era bilhete. Agora não é mais essas coisas não. Então, se tu gostava de uma guria, tu gostava? Tu escrevia o teu nome e mandava um outro entregar, se tu não tinha coragem de entregar, tu mandava par um outro levar. Se ele gostava, tudo bem, senão dava bilhete de volta. Muitos se pegava e rasgava, como fiz eu uma vez. De boba, né. Uma vez, era boba, um rapaz gostava de mim e eu.... a tómbola era atrás da igreja lá... e eu não gostava, não queria

nem ... naquele tempo, se tinha vergonha de conversar com um rapaz até. Eu não queria nem saber, e ele ... quando estava lá em cima, da onde tem *aquela coisa*, lá atrás, sabe? Onde o pessoal chamava os bilhete, né, ... eu ia ... tava lá ... ele aparecia e aí eu voltava pra igreja, ficava aqui em baixo. Para que ele não ... não me mandasse bilhete, não queria nem saber. Foi até que uma hora ... me chega o bilhete [?] não gostava dele. Oh, passei um trabalho, porque naquele tempo não era como agora ... agora, a gente fala com a pessoa ... agora fala se não gosta do rapaz. Meu Deus, mas que vergonha eu tinha.”

Informante 2

"Naquela época, bom eu me lembro depois, porque nasceu o pai aqui também né. Quer dizer a vó sim veio da Itália, mas o pai nasceu aqui já. Então, eu me lembro só daquela data, nem quando nasci, pois tu vê, ali não me lembro. Até que nós tinha sete, seis, sete, oito anos, quando ia para a aula, começa a gente a saber como andava Vale Vêneto. Mas já não tinha mais mato, aqui já tudo já tava aberto, tinha algum pedaço, mas não era muito. Não tinha mais mato quase, porque já tinha já duas gerações tinha derrubado quase tudo pra poder plantar. Porque plantava uma rocinha, se plantava uma rocinha no meio do mato, entre pássaro e bicho assim comia fora tudo, não salvava nem o milho. Não salvava porque tinha, diz que no mato assim tinha tigre aqui, tinha esses bichos brabos. Tinha que fazer casa alta e dormir em cima, porque em baixo de noite, se tinha aquela... o bicho que rodeava, sentia o cheiro da comida que eles comeram. Aí o bicho vinha, era leão, era tigre, mão pelada esse bicho... bicho não era manso. E se tinha um cachorrinho tinha que leva em cima no andar junto com ele, porque senão matava. Bicho do mato, sabe? Muitos tipos de bichos. É... naquele tempo vivia a maioria quase de pássaro, porque tinha bastante né... esses pássaros grandes ... não é como agora que são pouco... sabiá... esses bichos grandão... mais outros bichos né... eles pegavam, né... faziam uma arapuca e pegavam...assavam.... E quando podiam faziam um pouquinho de milho, vovó que me contava, quando faleceu eu tinha quase vinte anos. Ela contava as coisas...quando vieram de Itália ...então diz que não tinha... assim... o moinho para moer o milho então quando tinha polenta ia tudo... não era como agora que tem muita comida...Carne não tinha porque gado não tinha... nem galinha... quando veio aparecer galinha aqui... não tinha... então eles matavam esses bichos e comiam... lebre...lebre nem tinha, porque era tudo mato e lebre só tem quando é limpo...aberto... Então diz que pegavam o milho e com uma pedra ... as vezes tinha martelo ou não tinha...e batia... quebrava esse milho e fazia polenta tudo junto... não... não passava na peneira... não tinha peneira... comia casca e tudo junto... e feijão depois começou ter...alguns plantavam feijão...poucos... tinha pouca roça... tinha que cortar o mato...às vezes pau que tinha três homens... quatro prá rachar... e tudo a facão... dois... três dias...até com pau ia pra baixo... naquele tempo nem serrote não tinha... serrote puxado a mão mesmo não se tinha...era no facão...”

“Quando eles chegaram...minha vó mesmo...diz que quando ela chegou... lá onde tem aquela cruz ... lá embaixo em Vale Vêneto...tem uma cruz lá embaixo... bem no centro...ali eles vieram... eles vieram lá do barracão... de Val de Buia que eles estavam né... quando veio com aquele carretão... coberto com capim... com boi né...quando eles chegaram... né...largaram eles ali como uma tropa de pinto...eles eram oito ou dez famílias ... parece que era... E a noite? Vieram com um pouco de comida de lá... mas era pouco...porque lá também tinha muita gente... não tinha fartura de comida...então minha vó diz... vamos rezar... ela contava sempre... tinha uns que rezavam... tem um que sempre fica quieto... e minha vó era bastante católica...e vamos rezar pra ver que Nossa Senhora amanhã mesmo venha o dia e nós podemos começar fazer aqui dentro do mato... Então deitaram no escuro naquela noite... nem sei como

dormiram lá...era bicho de noite... e quando foi de manhã os homens começaram a cortar os coqueiros... cortar os coqueiros e abriam... tinham algumas ferramentas.... eles vieram com algumas ferramentas sim... cortavam e rachavam esse coqueiro e botavam tudo de pé....faziam encerra pra dormir dentro... porque os bichos pegavam eles né... então o coração eles comiam... o coração do coqueiro.... e com as folhas eles faziam cobertas né...porque não tinha nada pra se tapar né... pegavam folha no mato e faziam acolchoado... e dormia lá né...eles começaram assim né... me contou... eu não vi né... minha vó que sempre contava...”.

" Comecei em português? Quando fui no quartel. Fui obrigado. Lá fui obrigado porque ali, havia, era no tempo que veio o Getúlio Vargas, né. Sabe que era, não podia mais falar em italiano. Português, só em português. O alemão também era em português, não podia falar em alemão. Eu fui no quartel, quando foi no quartel e no primeiro dia ficava firme, até em comparação peguei o português, porque muito da minha casa não era capaz de falar como eu, não é para me gabar não, não são capaz, a língua não vai mais, fala um pouco, mas não mais, falar mais ligeiro o português. E dali foi obrigado porque senão ah ia para a cadeia até se ele teimava. E aquela vez que veio aqui o Barcelo, lhe contaram né, minha bisavó, a minha vó também quase não ia mais à missa, era uma velha devota não é? Mas não queria mais ir a missa porque não sabia dizer bom dia, só *bon giorno, bon giorno* é italiano né. E ele quando eles saíam da missa, ele morava lá onde mora as Piveta, naquele sobrado lá em baixo, morava lá, então o vice-prefeito, aquela vez era o inspetor, falava era inspetor porque era uma pessoa que incomodava a gente como era, um desaforo, era um inspetor né. Então ele, quando terminava a missa, ele vinha caminhava por ali, era proibido falar italiano né, sabiam que aqui era o lugar que era mais gente italiana, até os novos, e era nós sim ficava com a boca meia tapada até porque não se sabia. Ele pegava como, tu sabe que foi levado um homem daqui, levou pra Cachoeira e morreu na cadeia, em Cachoeira morreu. Até morava nesta casa aqui, naquela casa lá, morava aqui o homem, mas ele tava morando naquele tempo lá no povo né, e ele foi para defender, defender o Leonardo Hermes, que era um alemão. Ele tinha raiva também do alemão. E ele veio, tava lá vizinho, ele foi lá meio para defender o alemão né, porque pegaram o alemão, o Leonardo era, não sabia falar, não sabe, vivia no mato meio que português mas também sou italiano né. Então ele foi lá para ver, para fazer peso em cima para defender o alemão, então pegaram ele, pegaram ele e levaram até Santa Maria, para depois de Santa Maria, e ele parece que era um homem muito nervoso, e levou ele para Cachoeira. Parece que três dias, quatro ele faleceu depois foi levado para cá e enterrado aqui no cemitério.

Informante 3

"Ah sim. Senão. Eu fui... aquela época, vou te dizer, foi sério o caso aqui, principalmente aqui em Vale Vêneto. Nós tinha um... eles chamavam de inspetor, mas era um guarda rural. Um tal de João Barcelo, perseguidor ao extremo. Lhe basta dizer que o tal de Serafim Moro morreu na cadeia. Levaram porque acharam ele conversando em italiano. Era assim, naquela época, eu sei que aqui em casa mesmo, eu tinha uma salinha, uma noite, um domingo, nós tava aí jogando, e no fim, lá pela meia-noite, a gente tava um pouco alegre né, se botemo a cantar em italiano. Ah, mas no outro dia, ele ficou sabendo logo, porque tinha mesmo um espião por roda, um *lambeta* dele. Ma depois, vimos que não dava mais para resistir, resolvemo se uni e ir em Santa Maria. Aí, eu fui no Arroio do Só com a carroça, tinha uma carroça, busca duas lata de gasolina que vinha de Santa Maria porque não havia combustível, e o falecido Antonio Piveta tinha um caminhão, tinha que sempre eu me lembro o primeiro a chegar, e sabe que me descobriram que eu fui buscar gasolina, e não sei como. E depois, então eu vim para casa de tarde, e no outro dia de manhã se botou gasolina e fomos em Santa Maria em vinte sete, e nós

fomos com intenção de se apresentar ao quartel general. Quando chegamos lá, tinha um advogado, como era o nome dele... bom não me recordo, aquele me escapou da memória, e três de nós fomos falar o que que nós ia fazer lá. Diz tá vocês não vão fiquem por aí, e vão falar com o delegado regional, então foi o advogado, então ficamos esperando no outro dia vê o que que ia fazer. Mas o delegado mesmo pediu não ir no quartel, acho que eles tinham rocio. (...) Então conseguimos, me mandaram pra casa... ah não, eu me esqueci, quando nós fomos, chegamos em Silveira Martins, o sub-delegado de lá era um tal de Ribeiro, Otávio Ribeiro, se apresentamos que nós ia a Santa Maria só pra esse caso aí. Mas Santa Maria já tinha uma escolta me esperando na estação rodoviária, porque esse que me descobriu em Arroio do Só, ficou sabendo que nós ia, porque eu vim com a gasolina, e telefonou a polícia, e tavam me esperando. Mas esse Otávio Ribeiro ele telefonou que não eram revoltosos, não eram nada, iam requerer os seus... os direitos. Então o pelotão, era um pelotão, se retirou de lá era um grupo de soldado. Então nós chegamos lá, que depois procuremos esse advogado, então me mandaram pra casa, que eles iam tomar providências em seguida. Viemos pra casa, esse Barcello nunca mais pisou aqui, vieram buscar a mudança dele, outros, mas ele não. E nós tinha ordem, se ele aparecia aqui, nós podia matar que não era crime. Mas ele nunca apareceu.